

VERBETE: CRIANÇA

Rita Ribes

Numa Cinelândia já praticamente sem cinemas, dois meninos e uma menina alternavam empurrões e gargalhadas capturando a atenção dos passageiros do metrô que emergiam à superfície da calçada trazidos pela escada rolante. Os fantasmas – tão presentes nas narrativas dos guias aos visitantes – conduziam a brincadeira nas escadarias da Biblioteca Nacional. “O fantasma vai te pegar!”, “Tá na casa do fantasma!”, “Ele tá te olhando lá da janela!”... Depois de repetirem algumas vezes a brincadeira, sentaram-se, extenuados, junto ao centenário portão, compartilhando uma paçoca subtraída da caixa que, entre uma risada e outra, estendiam aos transeuntes, tentando vender.

Por instantes, supus testemunhar um rasgo na estrutura capitalista, pois, abalando a tese sobre os “meninos-de-água-na-boca”, aqueles que alienadamente vendem doces sem poder sequer prová-los, foi a primeira vez que vi crianças saboreando os doces que vendem. E essa teria sido a redentora imagem que gravaria em minhas retinas no curto tempo em que os vi, não fosse o meu olhar desviado por um grupo de escolares que chegavam numa van, bem ali na esquina, e que, com a ajuda de três professoras e dois guardas de trânsito, caminhavam enfileirados junto à mureta da Biblioteca, as mãos postas no ombro do colega da frente. Todos com o uniforme da escola particular e uma pequena lancheira atravessada no peito. Caminhar naquelas condições era realmente uma proeza.

Ao perceber os meninos que saboreavam a paçoca, com suas roupas e cabelos um tanto desgrenhados das muitas noites mal dormidas, mãos e rostos empretecidos pela sujeira acumulada das desigualdades, uma das professoras, lá do final da fila, gritou ao policial que abria caminhos na calçada: “Tira eles dali pras crianças poderem passar”. Fui tomada por aquele ímpeto que transforma a dor da injustiça no estopim da luta e, já ensaiando as primeiras frases de revolta, prenciei que ali haveria um confronto.

Mas o que seguiu foi um profundo silêncio, quebrado, talvez, pelos empurrões dos fantasmas a conferir tal verbete na sua Biblioteca, ou, quem sabe, pelo estalido seco do fechar dos livros que preferiam alimentar os seus fantasmas. Automaticamente, os meninos que brincavam nas escadarias da Biblioteca atravessaram para a calçada central da Cinelândia onde outros tantos como eles ainda dormiam pelos bancos ou ao pé das históricas estátuas. Os escolares, por sua vez, seguiram tropegamente enfileirados rumo ao portão da Biblioteca. Cada grupo, espantado, sem tirar os olhos do outro, encarando-se minuciosamente.

Foi quando o Veículo Leve sobre Trilhos, símbolo das modernidades locais, também silenciosamente, encarregou-se de desenhar a linha abissal.

DIA DAS CRIANÇAS

Caroline Trapp de Queiroz

Alguns dos mais importantes encontros da vida acontecem dentro do transporte coletivo. Nele nos relacionamos com a concretude do mundo sem filtros. Tem de tudo! Vendedores de balas, salaminhos, fones de ouvido, lanternas de LED e chaves de fenda. Famílias com a bíblia debaixo do braço rumo à igreja, homens em seus ternos bem alinhados rumo ao serviço, mulheres superproduzidas rumo à noite, molecada de isopor e guarda-sol rumo à praia... e crianças. Em todas as composições possíveis, há crianças. Da bala à chave de fenda. Da igreja à noite. Do lazer ao trabalho.

Hoje não seria diferente, sobretudo porque hoje é dia das crianças. No terceiro banco do ônibus onde estou, uma menina de vestido roxo e laço branco no cabelo não contém a expectativa de chegar ao circo. Entre os olhares lançados rapidamente à paisagem e os risos que não cabem dentro de si, tamanha a animação, ela indaga à mãe, com a exata periodicidade de 60 segundos: “já tá perto?”... “tá chegando?”... “é agora, mãeee?”... A mãe responde, num estado de irritação condescendente: “Calma, Luana! Eu, hein? Tem que ter paciência! Isso daqui não é táxi, não!”

Quatro bancos atrás, dois irmãos disputam a abertura dos presentes, rasgando os embrulhos, como se disso dependessem suas vidas. O olhar atento e cansado da mãe, que se espreme no banco para caberem os três no espaço de duas pessoas, acompanha cada movimento dos filhos. “Júnior, deixa ela! Se o papel é rosa, não é seu!” – intervém. A irmã quer sempre o